

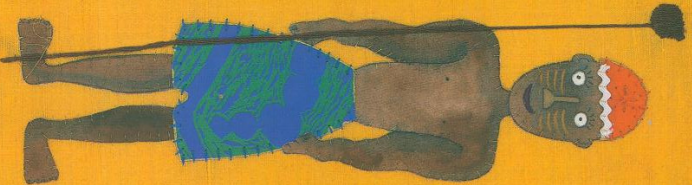
Makhosi e os Chifres Mágicos

HÁ MUITO, MUITO TEMPO, quando o mundo ainda era novo e a magia ocorria com mais frequência do que ocorre hoje em dia, existia um menino chamado Makhosi. Ele era belo e trabalhador, e os seus pais se orgulhavam muito da excelente maneira como ele tomava conta dos seus rebanhos de animais. A maioria dos seus amigos também era composta por jovens pastores, e eles passavam muitos dos seus dias ao ar livre, levando os seus animais para as melhores pastagens.

Naturalmente, durante a estação da chuva, o pasto era víçoso e em abundância, e os rapazes tinham muito tempo para conversar, jogar, falar sobre os seus sonhos e apreciar a beleza do campo. Mas, durante a estiagem, eram obrigados a andar longas distâncias procurando novos pastos. A maioria deles detestava isso, mas Makhosi considerava uma aventura o fato de viajar sozinho e explorar novos lugares, conhecer outras pessoas, ouvir as suas histórias e aprender sobre os seus costumes e hábitos.

Bem, a oportunidade de Makhosi se aventurar chegou antes do que ele esperava. A terra sofria com um longo período de estiagem e, com a seca, surgiu um novo e estranho tipo de doença.

As aldeias estavam em pânico já que, a toda hora, mais e mais animais e pessoas



ficavam doentes. Inicialmente, elas ficavam tontas, depois os seus músculos enfraqueciam e suas pálpebras ficavam tão pesadas que quase não conseguiam manter os olhos abertos. Os animais caíam e, independente do lugar onde estivessem, recusavam-se a levantar-se novamente. Algumas das vacas, cujos bezerros haviam morrido, mugiam durante horas, e os seus mugidos tristes eram quase insuportáveis. As pessoas chamavam os seus mais respeitados herboristas e curandeiros para ajudá-las, mas ninguém conseguia achar a cura para essa doença.

Certo dia, o pai e a mãe de Makhosi ficaram doentes. O rapaz ficou triste, amedrontado e confuso – de quem ele deveria cuidar, dos seus pais ou do rebanho?

– Oh, como eu desejaria que o meu tio estivesse aqui! Ele saberia o que fazer – disse Makhosi naquela noite, dando um longo suspiro.

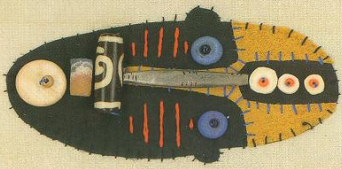
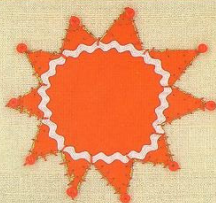
Os seus pais o ouviram. – Filho, já é hora de tomarmos uma séria decisão. Venha e sente-se aqui conosco – a mãe disse a ele.

– Mãe, você me ouviu? Eu sinto muito, eu não queria incomodar vocês.

– Não, você não nos incomodou. Nós não estávamos dormindo; são apenas os nossos olhos... – seu pai disse da estera onde estava descansando.

– Ouça, Makhosi – sua mãe continuou –, hoje cedo, o seu pai e eu estávamos conversando. Nós dois achamos que você deveria acordar bem cedo amanhã de manhã e viajar até a casa do meu irmão. É mais seguro lá. Eu não quero que você também fique doente.





MALAUÍ

– Mas, mãe, quem cuidará de vocês? Eu irei o mais rápido possível e, quando encontrar meu tio, voltarei imediatamente para casa.

Makhosi estava muito preocupado em deixar os seus pais sozinhos, mas o tio era um curandeiro famoso e talvez pudesse ajudá-los, apesar de outros curandeiros terem falhado.

– Você precisa levar o touro branco como montaria – disse o pai apertando a mão de Makhosi. – A distância é bem longa, mas com o touro você levará apenas um dia e uma noite para chegar. O touro branco é especial. Caso você tenha qualquer problema durante o trajeto, ele lhe ajudará. Assim que você chegar à casa do seu tio, conte a ele tudo o que nos aconteceu e ele pensará em um plano.

– Eu compreendo, Baba, mas e você, e o seu rebanho?

– Os meus olhos podem estar fechados, mas algo me diz que a chuva virá dentro de algumas semanas. Parte do nosso rebanho sobreviverá. E, de qualquer jeito, eu não tenho planos de morrer já. E você, mãe de Makhosi? – ele perguntou, virando-se para a esposa, com um sorriso e meiguice na sua voz.

– Há, há! Se eu morrer, o que será de vocês, eu me pergunto! – ela sorriu e falou alegremente, como se achasse a situação toda muito hilária. Mas Makhosi sabia que ambos estavam tentando parecer fortes para ele.

– Certo. Eu irei – disse ele, em voz baixa.
Ao nascer do sol do dia seguinte, Makhosi e o touro branco já estavam longe de casa. O touro seguia como se soubesse exatamente aonde ir, e movia-se a passos rápidos,

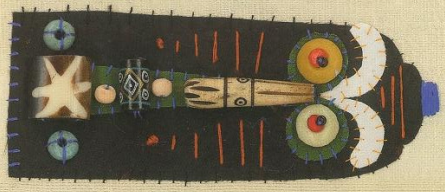
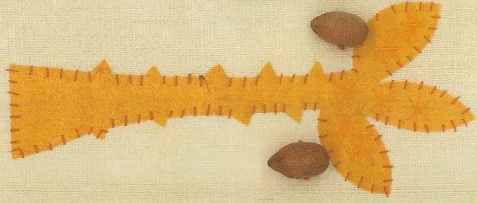


MAKHOSI E OS CHITRES MÁGICOS

mas suaves. Ele era surpreendentemente forte. Assim, eles continuaram durante horas, protegidos contra o sol quente por um vento constante. Havia muita tristeza em volta. Makhosi podia senti-la em todos os lugares. Nos lugares próximos aos poços de água, totalmente secos, por onde passavam, havia ossos esturricados de animais mortos e, acima deles, os urubus circulavam preguiçosa-mente. Durante certo tempo, esses pássaros seguiram o touro e o jovem rapaz. Depois, desistiram e voaram de volta.

Somente quando os urubus já os tinham deixado e se dirigiam às montanhas distantes, foi que o touro começou a mostrar sinais de cansaço. Então, Makhosi achou uma árvore solitária e sem folhas, e sentou-se sob a sua fraca sombra. Ele pegou alguns pedaços de carne seca, pão e um pouco de água, e almoçou. A água, ele a dividiu com o touro, colocando-a em uma cuia.

Depois que Makhosi havia almoçado, os dois companheiros se deitaram para um merecido descanso. Eles devem ter dormido durante uma hora ou duas quando ouviram o som de grandes e pesados pés que faziam o solo onde eles estavam deixados tremer. Makhosi e o touro levantaram-se e olharam em volta. Uma manada de búfalos passou por eles, correndo. Os búfalos pareciam muito decididos e Makhosi ficou imaginando se eles conseguiram farejar água nas proximidades. O jovem rapaz já estava pensando em montar o touro e seguir os animais, quando os búfalos pararam, viraram-se e seguiram diretamente até eles.



MALAUÍ

Foi, então, que a coisa mais estranha aconteceu. O touro branco disse a Makhosi:

– Por favor, não tenha medo. Eu vou ter de lutar contra aquele búfalo. Ele é forte e me matará. Quando eu estiver morto, corte e retire os meus chifres, e continue até a aldeia do seu tio. Quando precisar de alguma coisa, durante o seu trajeto, cante uma canção e peça aos chifres para ajudarem você – eles são mágicos.

– Por que você não usa a mágica deles para derrotar o búfalo? – disse Makhosi, desesperado. Mas não havia tempo para uma resposta – a manada estava sobre eles. Makhosi teve de subir na árvore para ficar seguro.

Os dois machos lutaram durante algum tempo. Depois, o touro branco caiu no solo e não se moveu mais. Somente um bramido longo e triste saiu dele, quando a manada de búfalos saiu em disparada novamente. Um Makhosi triste desceu da árvore e, gentilmente, acariciou o touro. Demorou um tempo até que, finalmente, fez um esforço e cortou os chifres do animal. Ele nem bem tinha terminado de colocá-los dentro da sua sacola quando um redemoinho de vento envolveu o corpo do touro e o levou embora.

Simplemente assim, ele desapareceu. Makhosi ficou paralisado, chocado. Depois, pôs-se em direção ao poeirento caminho que o levaria até a aldeia do seu tio.

No final do dia, Makhosi estava exausto. Dirigiu-se à aldeia mais próxima e procurou uma cabana onde alguém pudesse deixá-lo dormir em algum canto. O local estava quase deserto, mas ele achou uma pequena cabana onde o fogo estava aceso. Uma mulher velha estava na porta.

– Olá, vovó!

MALAUÍ

– Olá. Para onde você está indo?

– Eu estou indo visitar o meu tio. As pessoas e os animais na minha aldeia estão morrendo e há fome por todos os lados. Posso passar a noite aqui?

– Um lugar para dormir não é problema, mas comida – eu não tenho nada. As coisas têm sido difíceis por aqui também – ela era tão pobre quanto ele, mas o seu sorriso aqueceu o coração do rapaz, que se sentiu bem-vindo. Depois de falar um pouco sobre a sua família e sobre a longa seca, ele ajoelhou-se, pegou os chifres do touro branco e, batendo as palmas das mãos, cantou:

– *Awe phondo lwami, olwasale mpini phondo lwami.*

Awe phondo lwami, awuphake sidle phondo lwami!

Oh, chifres meus, deixados para mim após uma luta, chifres meus.

Oh, chifres meus, por favor, tragam comida para saciar a nossa fome, chifres meus!

A mágica funcionou. As bandejas da mulher velha, de repente, estavam carregadas de comida quente: maciãs costeletas de cordeiro, pão assado a vapor, batatas-doces, espinafre saboroso e leite cremoso. Agradecidos, eles comeram e depois dormiram com seus estômagos cheios, pela primeira vez em muitos meses.

Na manhã seguinte, bem cedo, Makhosi cantou novamente para os chifres, que prepararam um enorme café da manhã para os dois, e trouxeram comida suficiente para a mulher velha comer por muitos dias. Quando ele despediu-se, ela deu a ele um cobertor quente para a viagem. Ele lhe agradeceu pela hospitalidade e partiu novamente.



MAKHOSI E OS CHIFRES MÁGICOS

O caminho era reto, mas Makhosi ainda tinha uma longa distância a percorrer. Durante algum tempo, não se percebia sinais de vida. Depois, ele chegou a uma região onde a grama seca e alta balançava-se ao vento, como um oceano dourado. O espírito de Makhosi se alegrou, mas logo em seguida, ouviu um grito de desespero. Ele seguiu o som, até uma caverna escondida perto do leito de um rio seco. Lá, ele viu uma jovem mulher em prantos.

– Meu filho, meu pobre filho! – chorava ela.

Makhosi correu até ela e perguntou se ele poderia ajudá-la.

– O meu filho foi puxado para dentro dessa caverna por um anão de aparência estranha! – lamentou a mulher. – Nós estávamos recolhendo um pouco de argila para fazer alguns potes. Eu não sei de onde o anão surgiu e nem por que ele pegou o meu filho.

Rapidamente, Makhosi pegou os seus chifres mágicos e, batendo as palmas das mãos, cantou:

– *Awe phondo lwami, olwasale mpini phondo lwami.*

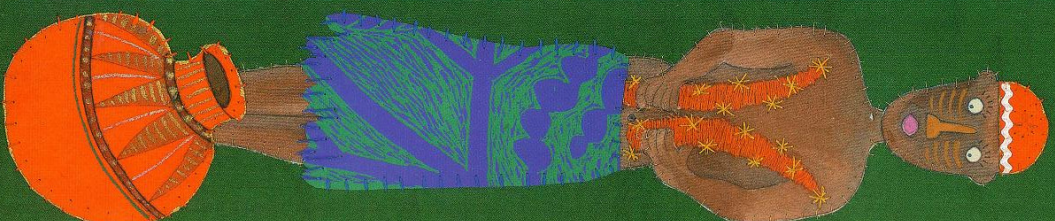
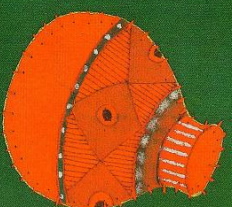
Awe phondo lwami, sicela abuye umfana phondo lwami!

Oh, chifres meus, deixados para mim após uma luta,

chifres meus.

Oh, chifres meus, façam o menino retornar, chifres meus!

Novamente, a mágica funcionou e logo se podiam ouvir passos vindos do fundo da caverna. Era o anão, carregando o menino nos seus braços. Em seguida, ele colocou a criança aos pés da mãe. Repentinamente, um redemoinho envolveu o anão e o levou embora; simplesmente assim – ele desapareceu. A criança atrinou-se aos braços da mãe, que agora chorava de alegria.



MALAUÍ

– Oh, como vou poder agradecer a você algum dia? – ela chorava, olhando para Makhosi, sem acreditar.

– Pensei ter perdido o meu filho para sempre!

– Estes chifres mágicos também são um mistério para mim, mas estou feliz por ter podido ajudar. Vocês devem estar cansados. A que distância fica a sua casa?

Makhosi acompanhou-os de volta à cabana deles. Quando eles chegaram, ele cantou para os chifres e pediu-lhes para fazerem grandes potes de barro para a mulher. E, novamente, a mágica funcionou: os potes foram maravilhosamente elaborados e brilhantemente decorados. A mulher estava radiante.

Mas, algo parecia estar acontecendo. Makhosi estava levando mais tempo do que ele havia esperado para chegar à aldeia do seu tio. Ele tentou andar mais rápido, na esperança de chegar à aldeia até o fim do dia, mas de nada adiantou. O sol já estava se pondo novamente. Ele sentia falta da sua casa e se perguntava sobre os seus pais. Será que eles estariam bem enquanto ele estava fora? Sim! Ele tinha certeza de que eles estariam bem. A esperança crescia dentro dele. Ele não tinha certeza de onde ela vinha, mas era forte. Ele continuou andando até chegar à próxima aldeia. Lá, Makhosi viu as mudanças no solo e na vegetação. Havia muita grama viçosa e verde para os animais pastarem, e as plantações cresciam exuberantes nos campos.

A vida aqui era bem diferente da vida na aldeia que ele havia deixado. O pôr do sol lançava uma luz muito bela sobre tudo. Makhosi olhou em volta e viu que as cabanas eram muito bem cuidadas.

MAKHOSI E OS CHIFRES MÁGICOS

Ele escolheu uma das casas e aproximou-se da entrada. Um homem de aparência muito rica adiantou-se e o examinou de cima a baixo.

– O que você quer aqui e de onde você vem? Você acha que eu vou deixá-lo entrar, com essa aparência? As suas roupas estão imundas e você cheira mal! – Makhosi analisou-se. E, então, percebeu que a longa viagem tinha o deixado naquele estado. Desceu até o rio, tirou as suas roupas velhas e banhou-se muito bem. Em seguida, pegou os chifres do touro branco e colocou-os no chão. Ajeitou-se e, batendo as palmas das mãos, cantou:

– Awe phondo lwami, olwasale mpini phondo lwami.

Awe phondo lwami, awenze sigqoke phondo lwami!

Oh, chifres meus, deixados para mim após uma luta, chifres meus.

Oh, chifres meus, façam roupas para eu me vestir, chifres meus!

Mais uma vez, a mágica funcionou. Bem ali, na sua frente, ele viu a roupa feita do tecido mais fino! Este novo traje era bordado de verde, dourado e vermelho-escuro, e tinha um chapéu com as mesmas cores, o que combinava muito bem. Havia, até mesmo, sandálias de couro. A sacola velha que ele carregava, não existia mais. Em seu lugar, havia uma novinha, dourada e grande o suficiente para caber os chifres. A roupa nova de Makhosi o fazia parecer um príncipe.

Makhosi seguiu até a entrada da cabana novamente. O mesmo homem aproximou-se e simplesmente não conseguia acreditar no que via. Será que o seu visitante



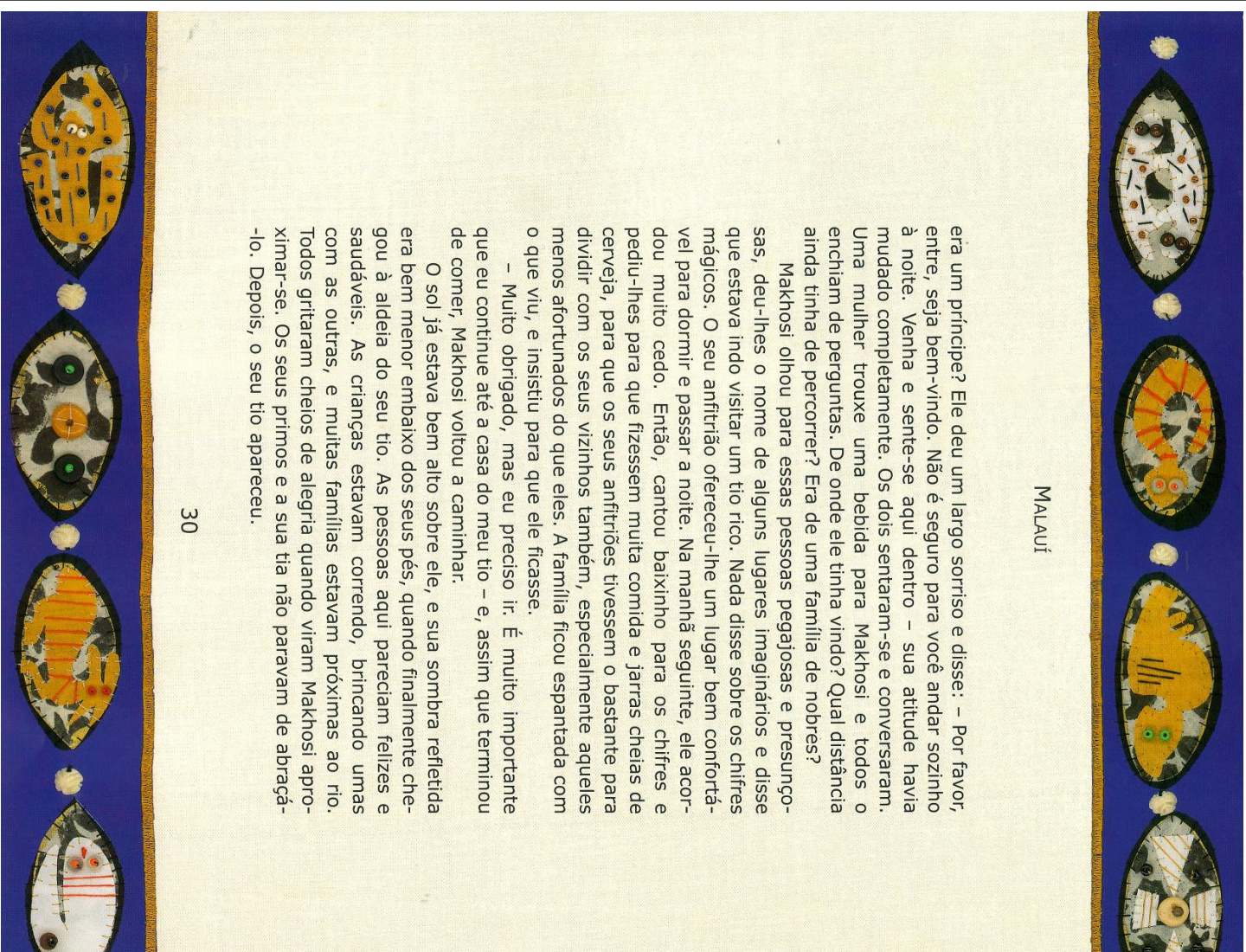
MALAUÍ

era um príncipe? Ele deu um largo sorriso e disse: – Por favor, entre, seja bem-vindo. Não é seguro para você andar sozinho à noite. Venha e sente-se aqui dentro – sua atitude havia mudado completamente. Os dois sentaram-se e conversaram. Uma mulher trouxe uma bebida para Makhosi e todos o enchiam de perguntas. De onde ele tinha vindo? Qual distância ainda tinha de percorrer? Era de uma família de nobres?

Makhosi olhou para essas pessoas pegajosas e presunçosas, deu-lhes o nome de alguns lugares imaginários e disse que estava indo visitar um tio rico. Nada disse sobre os chifres mágicos. O seu anfitrião ofereceu-lhe um lugar bem confortável para dormir e passar a noite. Na manhã seguinte, ele acordou muito cedo. Então, cantou baixinho para os chifres e pediu-lhes para que fizessem muita comida e jarras cheias de cerveja, para que os seus anfitriões tivessem o bastante para dividir com os seus vizinhos também, especialmente aqueles menos afortunados do que eles. A família ficou espantada com o que viu, e insistiu para que ele ficasse.

– Muito obrigado, mas eu preciso ir. É muito importante que eu continue até a casa do meu tio – e, assim que terminou de comer, Makhosi voltou a caminhar.

O sol já estava bem alto sobre ele, e sua sombra refletida era bem menor embaixo dos seus pés, quando finalmente chegou à aldeia do seu tio. As pessoas aqui pareciam felizes e saudáveis. As crianças estavam correndo, brincando umas com as outras, e muitas famílias estavam próximas ao rio. Todos gritaram cheios de alegria quando viram Makhosi aproximar-se. Os seus primos e a sua tia não paravam de abraçá-lo. Depois, o seu tio apareceu.





MAKHOSI E OS CHIFRES MÁGICOS

– Hawu, Mshana, meu sobrinho, é realmente você, filho da minha irmã? – ele perguntou com um largo sorriso no rosto. Apertaram as mãos, calorosamente.

Apesar de ter estado seguro o caminho todo, tendo sempre o espírito do touro branco com ele, Makhosi sentiu-se aliviado por estar ali.

– Venha para dentro, venha, entrei! – o tio serviu-lhe uma refeição e depois perguntou sobre a irmã e o cunhado. É claro, as notícias não eram boas. – Não há tempo a perder! – gritou o tio, depois que Makhosi contou-lhe tudo. – Nós precisamos partir o mais cedo possível amanhã, e temos de nos certificar de que estamos levando aqueles seus chifres mágicos conosco.

Eles partiram em direção à casa de Makhosi ao raiar do dia da manhã seguinte. Para a viagem, o tio de Makhosi escolheu dois dos seus bois mais fortes, aos quais Makhosi acrescentou mais energia e velocidade, usando os chifres mágicos. Viajaram o dia inteiro, montados nos bois, parando somente para deixar os animais descansarem. Chegaram à aldeia de Makhosi ao cair da noite.

Os pais do garoto pareciam estar muito fracos e apenas deram um sorriso cansado de boas-vindas. No entanto, não pareciam mais doentes do que antes. O tio de Makhosi juntou todas as plantas que precisava para fazer a chuva, em seguida subiu até o monte e ficou sob a luz da lua. Ele trabalhou por um longo tempo, com o sobrinho ao seu lado, ajudando-o e aprendendo.

Quando terminaram, nuvens pesadas haviam se formado e, na manhã seguinte, todos acordaram com a bela música da chuva caindo. De volta a casa, Makhosi pegou os chifres do

